



BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

NATUREZA, AGRICULTURA E UTOPIA NO DISCURSO DA CRISE HOMÉRICO E HESIÓDICO

Resumo

Considerada a *krisis* decorrente da deposição de Úrano por Crono e o corte da ligação entre a Terra e o Céu, analisa-se a importância da natureza como propiciadora de paz e harmonia. Da Idade do Ouro permanecem vestígios nos jardins de Alcínoo e na poesia bucólica, do mesmo modo que, do *mos maiorum* dos Romanos resta, entre outras coisas, a nostálgica recordação, por parte de Catão e da política oficial augustana, da importância do trabalho rural na formação do caráter da pessoa. Entre a utopia situada no passado e a ambição que marca um presente de especulação comercial e bélica, empreende um vinhateiro aristofânico, alheio aos diversos sistemas ideológicos platônicos e aristotélicos, uma ação individual que restabelece o vínculo entre Terra e Céu.

Palavras-Chave: Crise, Natureza, Terra, Céu, Idade do Ouro, Idade da Prata, Idade do Bronze, Idade dos Heróis, Idade do Ferro, Espaço, Trabalho, Agricultura, Minifúndio, Latifúndio, Tempo, Comércio.

Abstract

Given the *krisis* arising from the deposition of Uranus by Chronos and the break of the connection between Earth and Heaven, the importance of nature as a bringer of peace and harmony is analysed. There remain traces of the Golden Age in the gardens of Alcinous and in bucolic poetry, in the same way that in the Romans' *mos maiorum* there remains, among other things, on the part of Cato and of Augustan official politics, the nostalgic remembrance of the importance of rural labour in the formation of character. Between a utopia situated in the past and the ambition characteristic of a present of commercial and bellic speculation, an Aristophanic wine-grower, alien to the diverse Platonic and Aristotelian ideological systems, carries out an individual action that reestablishes the bond between Earth and Heaven.

Keywords: Crisis, Nature, Earth, Heaven, Golden Age, Silver Age, Bronze Age, Heroic Age, Iron Age, Space, Labour, Agriculture, Minifundia, Latifundia, Time, Commerce.

1. Cosmos, natureza e crise

Etimologicamente relacionada com κρίνειν, tinha κρίσις, na Antiguidade, os valores de ‘separação’, ‘distinção’ (cf. σύγκρισις ‘comparação’ em Aristóteles, *EN* 9.2.1165a34; e Meliss. 7), ‘decisão’, ‘juízo’;¹ ‘poder de julgamento’ (Políbio 6.11.8, 18.14.10); ‘escolha’, ‘eleição’ (Aristóteles, *Pol.* 1271a10, 1321a30); ‘propósito’ (Políbio 3.6.7); ‘interpretação de sonhos ou de portentos’ (*LXX Da.* 2.36, Diodoro Sículo 17.116, Josefo, *AJ* 2.5.7); ‘julgamento de um tribunal’ (Antifonte 4.4.2); ‘julgamento’, ‘processo’,² ‘resultado de um julgamento’, ‘condenação’ (Xenofonte, *An.* 1.6.5; ἡμέρα κρίσεως ‘dia do juízo’, *Eu. Matt.* 10.15); ‘julgamento’ de destreza ou força (Sófocles, *Tr.* 266, *El.* 684; Aristófanes, *Ra.* 779; Platão, *R.* 379e); ‘discussão’ (Heródoto 5.5, 7.26); ‘acontecimento’, ‘problema’ (Tucídides 1.23; Políbio 31.29.5, 1.59.11; Demóstenes 18.57); ‘ponto de mudança’ de uma doença, ‘alteração repentina’ para melhor ou para pior (Hipócrates, *VM* 19 (pl.), *Iudic.* 34; Galeno 9.550, 18(2).231); ‘meio da coluna vertebral’ (Pólux 2.177).

Das aceções consideradas, facilmente se depreende uma oscilação entre o caráter abstrato subjacente aos valores primordiais do conceito, e o concreto que o situa no domínio de linguagens técnicas, como as do direito, da medicina, da religião e da guerra. Conforme pode ainda notar-se, não encontra o termo, na literatura greco-latina pagã, a dimensão quase exclusivamente disfórica que atualmente o caracteriza, e a amplitude significativa que hoje se lhe reconhece, isto é, a capacidade de descrever a complexa situação de uma sociedade global e uma aplicação

¹ Cf. Parménides 8.15, Heródoto 3.34, 8.69; Ésquilo, *Ag.* 1289; Hipócrates, *Jusj.* 1; Sófocles, *OT* 501; Eurípidés, *IA* 580, 1307; Aristóteles, *Pol.* 1275a23; Epicuro, *Nat.* 32 G, cf. *Herc.* 1420.3; Filodemo, *Mus.* p. 75 K; peça de Sófocles sobre o julgamento de Páris; Heródoto 6.131; Píndaro, *O.* 3.21, 3.37, 7.80, *N.* 10.23; Eurípidés, *Hel.* 26; Platão, *R.* 360e; *Stoichorum Veterum fragmenta (Stoic.)* 1.50; Cleantes, *Stoic.* 128.

² Tucídides 1.34, 131; Lísias 13.35; Platão, *Phdr.* 249a, *Lg.* 856c, 871d; Demóstenes 21.125; Isócrates 4.40, Tucídides 1.77; Platão, *Lg.* 876b; Testemunho em Demóstenes 21.82; Plutarco 2.447e.

a tão variados domínios quanto o moral, o social, o político, o cultural, o económico ou, entre outros, o agrícola.³

Embora o nome de Hesíodo apareça, de acordo com os *Epim. Hom.* α 253 Dyck (= frg. 282 Most), associado à teoria de que Prócris deriva de *krisis* ‘juízo’, ‘julgamento’, *prokrisis* ‘preferência’, na sua obra encontramos *diakrinein* na aceção de ‘traduzir’ a lei divina em sentenças

³ Entre os valores referidos por Machado (1981) 3 550 para “crise”, contam-se «Conjuntura perigosa, situação anormal e grave; situação aflitiva; momento grave, decisivo, perigoso, num negócio. || Situação de um governo cuja conservação encontra dificuldades muito graves.» Depois de considerar as aceções médicas do lema “crise”, Aurélio (1986) 500 fala de «**5.** Estado de dúvidas e incertezas: *crise religiosa; crise moral.* 6. Fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos, das ideias: *período de crise; crise familiar; crise literária; crise política, crise agrícola.* 7. Momento perigoso ou decisivo: *crise histórica.* 8. Lance embaraçoso; lance, conjuntura: *crise amorosa.* 9. Tensão, conflito: *crise diplomática; crise internacional.* 10. Deficiência, falta, penúria: *crise de mão-de-obra; crise do café.* 11. *Econ.* Ponto de transição entre uma época de prosperidade e outra de depressão [q. v.], ou vice-versa. 12. *Teat.* Complicação e agravamento da intriga, que leva a ação dramática a uma catástrofe ou a consequência grave e decisiva; crise dramática. [...] **Crise social.** *Sociol.* Situação grave em que os acontecimentos da vida social, rompendo padrões tradicionais, perturbam a organização de alguns ou de todos os grupos integrados na sociedade.» Em *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* 1026, pode ler-se: «4. Fase grave, complicada, difícil...; momento de tensão ou de impasse na vida de uma pessoa, de um grupo social, na evolução de determinadas situações... *Ele está a atravessar uma crise existencial. O governo está em crise. Neste momento, há uma grave crise económica naquele país. Assistimos a uma grave crise de valores. + amorosa, familiar; + agrícola; + diplomática, política, social. crise ministerial,* período durante o qual um ministério demissionário não é substituído por outro. 5. Falta ou deficiência, em alto grau ou em larga escala, de uma determinada coisa. *Os jovens hoje em dia enfrentam uma grave crise de emprego e de habitação. + de emprego; + de natalidade.*» Aurélio (1986) 500 fala de «**5.** Estado de dúvidas e incertezas: *crise religiosa; crise moral.* 6. Fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos, das ideias: *período de crise; crise familiar; crise literária; crise política, crise agrícola.* 7. Momento perigoso ou decisivo: *crise histórica.* 8. Lance embaraçoso; lance, conjuntura: *crise amorosa.* 9. Tensão, conflito: *crise diplomática; crise internacional.* 10. Deficiência, falta, penúria: *crise de mão-de-obra; crise do café.* 11. *Econ.* Ponto de transição entre uma época de prosperidade e outra de depressão [q. v.], ou vice-versa. 12. *Teat.* Complicação e agravamento da intriga, que leva a ação dramática a uma catástrofe ou a consequência grave e decisiva; crise dramática. [...] **Crise social.** *Sociol.* Situação grave em que os acontecimentos da vida social, rompendo padrões tradicionais, perturbam a organização de alguns ou de todos os grupos integrados na sociedade.»

retas (*Th.* 85) e ‘decidir’ uma contenda com julgamentos justos (*Op.* 35), e *krinein* nas de ‘dividir’, ‘separar’ as partes em conflito bélico (*Th.* 535), ‘decidir’ do destino de cada um dos contendores (*Th.* 882), ‘aplicar’ as leis com tortas sentenças (*Op.* 221), ‘discernir’ a verdade na relação com a possibilidade de a praticar (*Op.* 768), ‘consultar’ as aves sobre o enlace com uma mulher ou sobre outro assunto (*Op.* 801 e 828) e ‘escolher’ um bom hospedeiro (frg. 90, v. 21 Most). As referidas ocorrências seguramente autorizam a ver, nos justos decretos de um rei e na percepção da verdade, no desfecho do conflito familiar entre Perses e o sujeito poético hesiódico, na contenda entre deuses e homens e no respetivo desenlace, na interpretação dos sinais e da vontade divina, no próprio ato de escolha, manifestações de *krisis*.

Do exposto é possível verificar que as formas *diakrinein* e *krinein* não ocorrem no âmbito da ficção hesiódica da criação poética, mas, se *krisis* se pode manifestar na interpretação da vontade divina e na descoberta da verdade, e se, conforme admite West, *Th.* 22 não alude a uma simples e única epifania, mas a um «period of practice»,⁴ e, por conseguinte – acrescentamos –, ao teste de diversas opções e às consequentes escolhas, talvez se possa vislumbrar, no belo canto ensinado ao pastor Hesíodo pelas Musas helicónias que sabem contar mentiras com aparência de realidade, e ainda verdades (*Th.* 22-27), o resultado de uma *krisis* poética e criativa do indivíduo que, em *Op.* 646-62, se diz filho de pai emigrado da Ásia Menor para Ascra e confessa ter viajado uma única vez por mar para participar num concurso de poesia do qual saiu vencedor. No plano individual ainda se registam os dois primeiros conceitos a propósito do litígio entre a instância de enunciação – em ambas as obras provavelmente próxima, do ponto de vista ontológico, da figura do autor empírico, cujo número (um, dois ou mais) e a profissão se têm discutido⁵ – e seu irmão Perses, por causa de uma herança – mas a este assunto voltaremos quando considerarmos a invenção da agricultura e da propriedade. Por agora, importa perceber como se inscreve a *krisis* na relação do homem com o cosmos e a natureza, e, para esta reflexão, tomemos em consideração a cosmogonia e, no âmbito do mito das cinco idades, a do ouro.

⁴ West 1966 161. Cf. Nelson 1998 33.

⁵ Sobre o assunto, v. a notável síntese de conclusão de Nelson 1998 36-9.

No início, de acordo com *Th.* 116ss., existia o Caos, isto é o abismo e o vácuo; logo depois surgiu a Terra, e, a seguir, o Tártaro e Eros. A Terra gerou o Céu, e da união de ambos nasceram, entre outros, Jápeto, Cronos e, posteriormente, os Ciclopes. De Úrano se diz (156-8): καὶ τῶν μὲν ὅπως τις πρῶτα γένοιτο, / πάντας ἀποκρύπτασκε καὶ ἐς φάος οὐκ ἀνίεσκε / Γαίης ἐν κευθμῶνι, «pois, quando [sc. os seus filhos] estavam prestes a nascer, logo / os escondia a todos e os privava da luz, / nas entranhas da Terra.»⁶ Antes de, em comentário *ad loc.*, esclarecer que «κρύπτειν often means ‘put away out of sight’, without the association of concealment from someone else»,⁷ havia West, a propósito das várias teorias primitivas sobre a distância entre o céu e a terra e o facto de não cair o primeiro sobre a segunda,⁸ referido as hipóteses de ter sido puxado para cima ou espontaneamente se ter o céu afastado, e recordara alguns dos tipos de ligação que os Antigos podiam estabelecer entre o planeta e o firmamento (cf. árvore, ou, no caso da história inglesa do João, o pé de feijão, ou ainda, entre outros, um mastro a partir do centro da terra⁹), para notar que, no caso da *Theogonia*, Terra e Céu aparecem personificados e sexualmente unidos, e, deste modo, justificar o recurso à castração como forma de separação de ambos e de permitir que a descendência visse a luz do dia. Da fertilização da terra com o sangue dos testículos de Úrano, nasceram as Erínias, os Gigantes e as Mélias, e da espuma que, em contacto do órgão com o mar, se libertou, surgiu Afrodite que, por sua vez, nadou até ao país dos Citérios e depois para Chipre, e, por isso, se chamou, entre outros epítetos, “Citereia” e “Ciprogenia”.

A morte de Úrano representa o fim de uma sexualidade e de uma fecundidade que, pela forma continuada e abundância caótica, compromete a própria progénie e se reflete numa incessante «alternância de exaltação e de depressão, de envolvimento e de queda, de vida e de

⁶ Lição de West 1966 118 e trad. de Ribeiro Ferreira 2005 45.

⁷ West 1966 214.

⁸ Cf. o principal receio de Matesix ou Abraracourcix, o irredutível chefe gaulês da banda desenhada de Albert Uderzo e René Goscinny, que, em toada de incentivo, dizia peru quem morresse de véspera.

⁹ Em curta de animação produzida pela Pixar, intitulada “La Luna”, realizada por Enrico Casarosa e estreada em 2012, é por meio de uma escada e um cabo com uma âncora que um barco se mantém ligado à lua.

morte dos projetos».¹⁰ Intimamente relacionados com a vitória de Cronos sobre Úrano andam os rituais de fertilidade e de renovação da natureza, que, em latim, se diz *natura* ‘nascimento’, e, em grego, *physis* ‘crescimento’.

Apesar da violência que preside à sucessão de Úrano e dos pensamentos tortuosos (ἀγκυλομήτης, *Th.* 137) de Cronos, não ecoa a instância de enunciação hesiódica a tradicional caracterização disfórica de Erínias e Gigantes – das primeiras diz serem κρατεράς ‘poderosas’ e dos segundos, μεγάλους... / τεύχεσι λαμπομένους, δολίχ’ ἔγχεα χερσὶν ἔχοντας, «grandes... de armas resplandcentes, que seguram nas mãos as longas lanças» (*Th.* 185-6) –, em claro prenúncio da substituição da guerra entre olímpicos e gigantes pela que opõe Júpiter a Prometeu, e da coincidência temporal, nos *Opera et Dies*, do reinado de Cronos com a Idade do Ouro.¹¹

Quando se atenta na descrição hesiódica da Idade do Ouro, o que imediatamente desperta a atenção é certa indiferenciação entre deuses e homens e o protagonismo da natureza. Depois de dizer que os homens desta época se encontravam a resguardo de males, de penosa fadiga e de dolorosas doenças causadoras de morte (*Op.* 90-2), sustenta a instância de enunciação ὡς ὁμόθεν γεγάασι θεοὶ θνητοὶ τ’ ἄνθρωποι, «que têm origem comum os deuses e os homens mortais» (*Op.* 108).¹² Do cotejo que, em seguida, se faz entre a vida de homens e deuses, conclui a instância de enunciação que ambos se encontram livres de cuidados, fora do alcance de penas e misérias, e, depreendemos nós, talvez residisse a diferença apenas na morada de ambos os grupos, uma vez que a dos imortais se situava no Olimpo (*Op.* 109-13). Esclarece, no entanto, Eliade: «*In illo tempore*, naquele tempo paradisíaco, os deuses desciam à Terra e misturavam-se com os humanos: por seu turno, os homens podiam subir ao Céu, escalando uma montanha, uma árvore, uma liana ou uma escada, ou ainda deixando-se transportar pelas aves.»¹³ Se, conforme se viu, representa a vitória de Cronos sobre Úrano o exercício de uma certa disciplina sobre a contínua e

¹⁰ Chevalier et Gheerbrant 1982 669.

¹¹ Clay 2003 113-114 justifica, com o carácter posterior do episódio da luta entre olímpicos e Gigantes, a referida substituição.

¹² Lição de West 1978 100, e trad. de Ribeiro Ferreira 2005 96.

¹³ Eliade 2000 66.

inconsequente sexualidade urânica, não representa a referida sucessão uma mudança absolutamente radical de paradigma, mas um ajustamento do primeiro.

De regresso à geração dourada hesiódica, ausente e desconhecida a velhice, pés e braços constantemente dotados de invariável força e insuscetíveis de desfalecerem, tinham os homens morte semelhante a um adormecimento, que, na cultura grega e como nota West, «marks the hero's fate as a kindly one.»¹⁴

Em tempo de fronteiras fluidas entre o humano e o divino, assume a terra papel ativo no provimento das necessidades dos seus habitantes (*Op.* 116-20):

ἔσθλα δὲ πάντα
 τοῖσιν ἔην· καρπὸν δ' ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα
 αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον· οἱ δ' ἔθελημοὶ
 ἦσυχοι ἔργ' ἐνέμοντο σὺν ἔσθλοῖσιν πολέεσσιν.
 {ἀφνειοὶ μῆλοισι, φίλοι μακάρεσσι θεοῖσιν.}

«Todos os bens
 tinham à disposição: para eles, a terra fértil produzia frutos
 espontaneamente, muitos e copiosos; e eles, contentes
 e tranquilos, partilhavam os trabalhos com alegrias infinitas,
 [ricos em rebanhos, queridos aos deuses bem-aventurados.]»

Quanto às presença da pastorícia na Idade do Ouro, embora *Th.* 139 situe, depois do nascimento de Cronos, o dos Ciclopes, e o Polifemo homérico conjugue uma atividade recolectora com o pastoreio de um rebanho de ovelhas, a verdade é que, fundado no facto de o derradeiro verso citado ocorrer apenas em Diodoro e no provável eco do referido verso em *Or. Sib.* 1.72s., manifesta West reticências relativamente à sua autenticidade, que o cotejo do éden bíblico com a época de Caim e Abel sugere justificadas.

Se, conforme se depreende do tempo anterior ao reinado Úrano e daquele em que sucessivamente estiveram no poder Úrano e Cronos, carregava a Terra *genetrix*, em seu ventre, deuses e homens a quem, uma vez gerados, proporcionava alimento, facilmente se compreende

¹⁴ West 1978 180.

a projeção, por parte dos Antigos, da sua utopia no passado, uma certa renitência em, por meio dos trabalhos agrícolas, lacerar a terra-carne e as pedras-ossos da Grande Mãe,¹⁵ e a conseqüente aversão à ideia de progresso.

2. A invenção da agricultura, a propriedade e o conflito

Embora o sujeito poético hesiódico se limite a caracterizar a Idade da Prata como aquela em que as crianças viviam cem anos junto das mães e, quando alcançavam o limiar da juventude, acabavam, devido à imaturidade, à irreflexão, à insolência desmedida, por nunca adquirir autonomia que lhes permitisse viver de forma independente, por não prestar culto aos imortais, por padecer de grandes sofrimentos e, ao cabo, ter um resto de vida breve (*Op.* 127-39) – não deixa Ovídio de notar a redução da duração da áurea primavera e a divisão do ano em quatro estações, com a conseqüente necessidade humana de procurar abrigo em grutas e sob densas ramagens, ou atar, com casca de árvore, ramos para se proteger de intempéries, e, pela primeira vez, o depósito de sementes em grandes sulcos abertos por novilhos sujeitos ao jugo (*Met.* 113-24).

Da terceira raça, de bronze, diz o sujeito poético hesiódico que, nascida dos freixos, não comia trigo, tinha um coração inabalável e apenas se interessava por guerra e insolências (*Op.* 143ss.), mas precisa o narrador ovidiano (*Met.* 1.127): *non scelerata tamen*, «contudo não era sacrílega.»

Para a dificuldade em articular a informação veiculada pelos *Opera et dies* com a da *Theogonia*, muito concorre a ausência, na segunda, de qualquer referência a Triptólemo e às tradições que o dizem filho de Céleo e de Metanira, ou de Disaules e de Baubo, ou da Terra e do Oceano. É certo que, de Deméter, diz *Th.* 454 que é filha de Reia e de Cronos, mas nada refere sobre ter, pela primeira vez, ensinado a agricultura a um humano, neste caso Triptólemo que, herói e rei de Elêusis, teria, em carro puxado por dragões oferecidos por Deméter,

¹⁵ Sobre semelhante escrúpulo de um profeta índio, Smohalla, da tribo Umatilla, v. Eliade 2000 169.

percorrido mundo a semear grãos de trigo, instituído em Atenas as Tesmofórias e se teria tornado, nos Infernos, juiz dos Mortos.

Em comentário à oração οὐδέ τι σίτον / ἦσθιον (146-7: «não comiam / trigo»), nota West a presença de ecos de *Od.* 9.106-11 e 190-1 – onde os Ciclopes aparecem descritos como seres arrogantes, sem lei e que, confiados nos deuses imortais, nada semeiam nem aram a terra, e a quem o solo proporciona trigo, cevada e, com a chuva de Zeus, grandes cachos e o respetivo vinho, e ainda onde, de Polifemo, se diz: οὐδὲ ἐφάκει / ἀνδρὶ γε σιτοφάγῳ, «não se assemelhava / a quem se alimente de pão.»¹⁶ – e de 10.98, onde refere Ulisses que se não vislumbrava no país dos Lestrígones οὔτε βοῶν οὔτ’ ἀνδρῶν... ἔργα, «trabalhos de bois ou de homens». Esclarece ainda West que, embora ambos os povos pudessem ocasionalmente alimentar-se de qualquer indivíduo que por aquelas paragens aparecesse, comiam os Ciclopes milho selvagem e bebiam vinho, e, se a instância de enunciação hesiódica tivesse pensado em canibalismo, teria sido mais explícita; e nota que se o canibalismo ocorre em alguns relatos dos tempos primitivos e o vegetarianismo em outros, Arato 131s. situa na Idade do Bronze o início do vegetarianismo.¹⁷

No tocante ao facto de não parecer consumir trigo, assemelha-se Polifemo aos seres da Idade do Bronze: quanto a outros aspetos, têm-nos o país dos Ciclopes em geral e em particular Polifemo em comum com os do tempo de Úrano e da Idade do Ouro: a generosidade de um solo que não necessita de cultivo para prover de alimentos quantos nele habitam e a consequente atividade recolectora dos seres que o povoam, a ausência de assembleias deliberativas e de leis (*Od.* 9.112), a autoridade opressiva exercida sobre mulher e filhos (9.114-15), que recorda a de Úrano sobre a Terra, a vida em grutas escavadas nos píncaros das montanhas (9.113-14) – recorde-se que, de acordo com a *Ilias*, se situava a morada dos deuses numa montanha real da Tessália, com muitos píncaros e exposta à neve, ao passo que, no espaço ideal que é o Olimpo da *Odyssea*, não chove, nem neva¹⁸ –, a ausência de naus e o desconhecimento da arte da construção naval e da navegação (9.125-29).

¹⁶ Lição de Allen 1917 e trad. de Lourenço 2005 150.

¹⁷ West 1978 188.

¹⁸ Rocha Pereira 1988 112.

Apesar das referidas afinidades, não deixa Ulisses – que, em 14.222-6, haverá até de confessar nunca ter gostado da lavoura e de cuidar da casa onde se criam excelentes filhos, e a ambas as atividades sempre ter preferido a arte bélica – de tecer considerações sobre o elevado potencial agrícola de uma ilha que não fica perto nem longe do país dos Ciclopes, e cujo solo continua por semear e arar devido ao facto de estes não conhecerem os referidos trabalhos agrícolas, nem forma de para ela se deslocarem (9.116ss.).¹⁹

Mas o que as palavras de Ulisses em ambos os passos citados deixam antever é a distinção entre o árduo trabalho rural e a gestão da propriedade. Embora de Laertes diga o porqueiro Eumeu (16.139-141): τειὸς μὲν Ὀδυσσῆος μέγ' ἀχεύων / ἔργα τ' ἐποπτεύεσκε μετὰ δμῶων τ' ἐνὶ οἴκῳ / πίνε καὶ ἡσθ', ὅτε θυμὸς ἐνὶ στήθεσσιν ἀνώγοι. «durante um tempo, embora lamentando Ulisses, / ainda se dedicava à lavoura e juntamente com os servos / comia e bebia em casa, quando assim lhe aprazia.» – a verdade é que, de acordo com *Th.* 226, é a Fadiga dolorosa, filha da Discórdia; que, quando a Ulisses declara a alma de Aquiles que preferia ser na terra serva de homem sem terra e grande sustento do que rainha dos mortos (*Od.* 11.489-91), o que está a fazer é evocar um cenário horrível para descrever o pior de todos; e que, depois de o regressado Telémaco ter anunciado aos seus companheiros que ia até aos campos visitar os pastores (15.504), observa Eumeu que as visitas do jovem eram raras (16.27-28).

Embora de um poema de guerra como a *Ilias*, cuja ação decorre em Tróia, se não espere grande informação sobre o tipo de propriedade e as pessoas que nela trabalham, não deixam os símiles – que, como notou Eustácio, em *Commentarii ad Homeri Iliadem*, contribuíam para a variedade (*poikilia*), a vivacidade (*enargeia*), a clareza (*sapheneia*), a amplificação (*auksesis*) e a decoração (*kosmos*) do discurso²⁰ –, bem como a *ekphrasis* do escudo de Aquiles – onde, segundo Redfield, «the patterns which emerge unreflectively in the

¹⁹ Neste ponto, tem, de resto, a atitude contemplativa de Ulisses algumas afinidades com a do abade Gonçalo da Cunha que, segundo Aquilino 2007 13, em *A Casa grande de Romarigães*, ao contemplar a viçosa flora e a abundante fauna selvagem do espaço onde haveria de nascer a quinta, não só exclamara: «Que rica quinta aqui se fazia!», como a Nossa Senhora do Amparo dirigira prece no sentido de o ajudar a concretizar o seu desejo.

²⁰ *Apud* Vieira (2006) 25-6.

similes have.... been reflected upon and set into coherence. Yet this very difference makes of the *Shield* a kind of master simile; the pattern of the *Shield* can instruct us in our reading of the similes – remembering that our fundamental purpose is to grasp the Homeric understanding of the place of man in nature.»²¹ –, de apresentar alguns indícios de como eventualmente seria a propriedade na época micénica e nos quinhentos anos antes de, pela voz do Homero, se ter cristalizado o legado épico que nos chegou.

Se, a propósito da refrega entre Troianos e Aqueus, se fala genericamente, em *Il.* 11.67ss., do trabalho de ceifeiros a partir de extremidades opostas do campo de um homem rico; se, em 21.77, diz Licáon a Aquiles que este o tomara *ἔυκτιμένη ἐν ἄλωϊ*, «no bem cuidado pomar»; já, em 18.541-60, ao descrever uma secção do escudo de Aquiles, faz o narrador homérico uma descrição mais pormenorizada da grande propriedade e do modo de a trabalhar:

Ἐν δ' ἐτίθει νειὸν μαλακὴν πείραν ἄρουραν
 εὐρείαν τρίπολον· πολλοὶ δ' ἄροτῆρες ἐν αὐτῇ
 ζεύγεα δινεύοντες ἐλάστρεον ἔνθα καὶ ἔνθα.
 οἱ δ' ὅποτε στρέψαντες ἰκοίατο τέλσον ἀρούρης,
 τοῖσι δ' ἔπειτ' ἐν χειρὶ δέπας μελιθδέος οἴνου
 δόσκεν ἀνὴρ ἐπιών· τοὶ δὲ στρέψασκον ἀν' ὄγμους,
 ἰέμενοι νειοῖο βαθείης τέλσον ἰκέσθαι.
 ἢ δὲ μελαίνετ' ὄπισθεν, ἀρηρομένη δὲ ἐφκει,
 χρυσεῖη περ εὐούσα· τὸ δὴ περὶ θαῦμα τέτυκτο.
 Ἐν δ' ἐτίθει τέμενος βασιλῆϊον· ἔνθα δ' ἔριθοι
 ἦμων ὀξειάς δρεπάνας ἐν χειρὶν ἔχοντες.
 δράγματα δ' ἄλλα μετ' ὄγμον ἐπήτριμα πίπτον ἔραζε,
 ἄλλα δ' ἀμαλλοδετῆρες ἐν ἔλλεδανοῖσι δέοντο.
 τρεῖς δ' ἄρ' ἀμαλλοδετῆρες ἐφέστασαν· αὐτὰρ ὄπισθε
 παῖδες δραγαμεύοντες ἐν ἀγκαλίδεσσι φέροντες
 ἀσπερχές πάρεχον· βασιλεὺς δ' ἐν τοῖσι σιωπῇ

²¹ Redfield 1975 187. Na mesma linha, observa Stanley 1993 4: «The problem of the *Shield* thus provides a focus on the problem of the poem, where in similes and asides the joys of peace are frequently set against the knotted cruelties of battle, but where reconciliations, when they come (Achilleus' with Agamemnon, with Priam), merely seem to accept a world of violent means to violent ends rather than ensure a recovery of peace.»

σκήπτρον ἔχων ἐστήκει ἐπ' ὄγμου γηθόσυνος κῆρ.
κῆρυνες δ' ἀπάνευθεν ὑπὸ δρυὶ δαίτα πένοντο,
βοῦν δ' ἱερεύσαντες μέγαν ἄμφεπον· αἱ δὲ γυναικες
δεῖπνον ἐρίθοισιν λεύκ' ἄλφιτα πολλὰ πάλυνον.

«Pôs também uma leira amena, terra fecunda,
ampla e três vezes arada; nela muitos lavradores
conduziam as juntas para aqui e para acolá.
Quando davam a volta ao chegarem à meta do campo,
acorria um homem a pôr-lhes nas mãos uma taça
de vinho doce como mel. E os lavradores davam a volta
nos sulcos, desejosos de atingir o termo do fundo lavradio.
A terra negrejava para trás, semelhante a terra arada,
embora fosse de ouro! Deveras fabricou uma maravilha.
Pôs também uma propriedade régia, onde trabalhavam
jornaleiros, segurando nas mãos foices afiadas.
Alguns molhos caíam no chão na carreira do alfange,
outros por homens eram atados com palha torcida.
Três atadores estavam presentes; porém por trás
rapazes recolhiam as paveias e traziam-nas nos braços,
sempre à disposição. O rei em silêncio no meio deles
assistia à ceifa em pé, de cetro na mão, jucundo no coração.
À distância debaixo de um carvalho, os arautos preparavam a refeição,
desmanchando o grande boi que tinham sacrificado. Com muita
cevada branca as mulheres polvilhavam o jantar dos jornaleiros.»

Hefesto ainda forjou uma vinha repleta de cachos, com uma trincheira e uma sebe em redor, uma vereda pela qual a alcançavam os vindimadores, moços e moças a transportarem as uvas, um rapaz a tocar lira e a cantar e outros a dançar e a uivar de alegria, bois e vacas a deslocarem-se do estábulo para a pastagem, nove cães a acompanharem a manada, e dois leões a banquetear-se com um touro – mas o que do extenso passo importa, para a nossa reflexão, reter é a ideia de que tão εὐρεῖα ‘ampla’ era a propriedade que, de conduzirem as juntas de bois até à meta do campo, se viam os jornaleiros obrigados a densedentar-se com vinho para poderem continuar o trabalho. Desta propriedade talvez não divergisse substancialmente, pelo menos no tocante a extensão, μέγας ὄρχατος (Od. 7.112: «o enorme pomar») de Alcínoo, delimitado por uma sebe e de altas e frondosas pereiras, romãzeiras, macieiras,

figueiras, oliveiras, e ainda com uma grande vinha e canteiros das mais variadas flores (7.112-32).

De propriedade aparentemente mais modesta encontramos um vislumbre em *Il.* 12.421ss., onde a luta entre os Lícios, comandados por Sarpédon, fora da muralha, e, dentro dela, os Dânaos, ao narrador homérico faz lembrar dois homens que, de volta de muros, e de instrumentos de medição na mão, *δηριάασθον* / [...] *ἐπιξύνω ἐν ἀρούρη,* / *ὅ τ' ὀλίγω ἐνὶ χώρῳ ἐρίζητον περὶ ἴσης*, «contendem num campo comum; e num terreno exíguo disputam uma divisão equitativa.» Não seria seguramente muito diferente desta, a propriedade com que o porqueiro Eumeu sonhava ser agraciado por parte do seu senhor (Ulisses), se este não tivesse ido para a guerra ou se dela já tivesse regressado (*Od.* 14.62-4). Mas o que os passos homéricos parecem sugerir é o trabalho de indivíduos em pedaços de terra de grandes senhores.

Ao comparar a pequena propriedade na época micénica com a de Hesíodo, esclareceu Nelson: «The Mycenaean age appears to have been a time when small landholders had their land from their lord, and so were dependent on him not only for protection, but also for their very livelihood. Hesiod has far more independence. His land is his own. His pair of oxen is his own. He can hope, if his crops flourish, to gain more. He also need fear, if his crops do badly, the loss of what he has.»²²

Depois de considerar os vários tipos de produtos que a propriedade da instância de enunciação hesiódica poderia produzir em excesso e, por conseguinte, comercializar, admitiu a investigadora a hipótese de o campo da referida instância, nem demasiado grande nem demasiado pequeno, ter andado entre os 2400 e os 4000 m².²³ Nos conselhos que a Perses dá – nomeadamente que trabalhe a terra, a semeie e a ceife (*Op.* 391-2); que adquira uma mulher, de preferência inupta, que siga os bois (405-6); que compre bois de nove anos de idade, que conjuguem uma força juvenil com uma calma que, a meio do sulco, evite a luta (436ss.); que recorra a um homem robusto, maduro e diligente no trabalho, para traçar um sulco direito e não espalhar semente em excesso (441-7) – talvez se possa vislumbrar não só a participação da instância de enunciação nos trabalhos do campo, mas também o pessoal com que contava para a ajudar.

²² Nelson 1998 35.

²³ Nelson 1998 36.

Da crescente importância da propriedade dá conta Aristóteles, que, apesar de sugerir, em *Ath.* 7.3-4, a prévia divisão da sociedade em diferentes estratos sociais (*tele*), nos informa de que Sólon criara um sistema timocrático, isto é, recorreu à riqueza para organizar o corpo dos cidadãos em quatro *tele*: os *pentakosiomedimnoi*, que, como o próprio nome indica, eram os que obtinham um rendimento agrícola total de quinhentas medidas de produtos secos e/ou líquidos; os *hippeis*, que, para alguns, eram os que tinham com que sustentar um cavalo, e, para Sólon, quem da terra retirava trezentas medidas; os *zeugitai*, a quem o solo rendia duzentas medidas; e os *thetes*. Dos problemas relacionados com a provável diferença de valor de medidas semelhantes de produtos secos e líquidos, já Leão tratou, bem como da possível conciliação entre uma eventual vertente ou origem militar de algumas designações com a dimensão agrícola que Sólon privilegiou,²⁴ mas o que, do depoimento de Aristóteles e das conclusões do investigador importa para esta reflexão, é o início do acesso, por parte de pessoas que não eram de condição nobre e eventualmente quem começara por trabalhar a terra, às magistraturas.

Embora, ao considerar na *Respublica* a constituição do estado ideal, dele fale como se efetivamente tivesse existido no passado, não deixa Platão de, em *Leges*, reconhecer que, na impossibilidade de se criar um estado onde tudo tenham em comum os amigos (739C) e tendo em conta um individualismo prevalecente, se deve refletir não sobre o melhor estado, mas sobre o melhor possível (Lg. 739D-E), e, para evitar conflitos que minem a criação e a paz do referido estado, recomenda, pela voz do Estrangeiro ateniense, que se estabeleça previamente o número de cidadãos e o de secções em que se devem agrupar, para, num momento seguinte, se proceder a uma repartição, da forma mais equitativa possível, de terra e casas (ἐπὶ δὲ ταῦτα τήν τε γῆν καὶ τὰς οἰκίσεις ὅτι μάλιστα ἴσας ἐπιμεμητέον.²⁵ 737C). Ainda entende que propriedade suficiente será a que sustente habitantes de moderados costumes e que o número ideal de cidadãos será o que possa garantir defesa contra ofensas dos povos vizinhos e ajudar povos vizinhos quando atacados (737C-D); e que a riqueza é incompatível com a bondade (742E ss.). Apesar de se considerar a divisão de casas

²⁴ Leão 2001 301-6.

²⁵ Lição de Bury 1926 X 356.

e terras por 5 040 homens, de modo a parcela e indivíduo formarem um todo (737E), não deixará o Estrangeiro ateniense de referir as duas casas que cada indivíduo pode receber de herança (776A, cf. 745C-D), e de, no âmbito das chamadas leis “agrícolas”, sugerir que um cidadão possa ter escravos (847E ss.). Provavelmente com problemas do tipo dos do símile homérico ou do que opôs judicialmente a instância de enunciação hesiódica e seu irmão Perses em mente, não só defende que cada indivíduo encare a sua porção como parte de um todo comum que é o Estado e cuide da terra como uma mãe cuida do filho (740A), mas também fará diversas recomendações no sentido de os proprietários preservarem a boa vizinhança (842E ss.).

Ao comentar as reflexões de Sócrates nas *Leges*, contrapõe Aristóteles, em *Pol.* 3.1265a12ss., que populosos estados necessitam de uma vasta superfície; que, além de ter em conta o espaço e a população, deve o legislador considerar a vizinhança e o tipo de apoios com que contar em tempo de guerra; que suficiente não será a superfície que alimente cidadãos de moderados costumes – pois a moderação pode ser compatível com a miséria –, mas que lhes permita viver de forma moderada e liberal (ἀλλὰ βελτίων ὄρος τὸ σωφρόνως καὶ ἐλευθερίως 33-4), pois, apartada da moderação, pode a liberalidade descambar em luxúria, e, esquecida a liberalidade, pode a moderação conduzir a uma vida de dificuldades; que se havia esquecido o pensador de considerar a flutuação decorrente de nascimentos e os consequentes mecanismos de controlo; que os dirigentes teriam dificuldade em se diferenciarem dos governados e que, se ao indivíduo é permitido aumentar em cinco vezes a propriedade inicial, não se percebe porque não pode o seu estado de terras ter igual incremento; e, entre outras coisas, que as duas propriedades que cada cidadão pode ter, com as respetivas casas e o correspondente pessoal doméstico, são uma péssima opção para a gestão do pessoal e para a economia familiar em geral.

Ao considerar a criação e a evolução da propriedade romana, sustenta Sampaio que, no início, se organizavam as famílias em associações que ocupavam distritos, cultivavam coletivamente a terra e repartiam equitativamente os produtos.²⁶ Quanto à propriedade privada, informa Varrão, *R.* 1.10.2, que Rómulo havia criado lotes individuais, com duas

²⁶ Sampaio s. d. 57.

jeiras (cinquenta ares) cada, que, devido à sua transmissão por herança, se denominavam *heredia* (sing. *heredium*). Com base neste depoimento e nos estudos de Mommsen, situa Sampaio, em momento anterior à constituição de Sêrvio, a transformação da propriedade coletiva em individual que, para cada família em sentido restrito, rondaria as 20 jeiras (5 hectares) e, no caso das famílias mais numerosas ou com mais recursos que formaram o patriciado, uma extensão média, que, no tempo de Catão, o *Antigo*, seria de 200 a 240 jeiras (50 a 60 hectares), e, no caso das vinhas, de cem jeiras (25 hectares).

Além de concessionarem a cada cliente uma parcela do seu terreno, viviam os patrícios com quantos os ajudavam nas tarefas agrícolas. Com a orgulhosa lembrança do árduo trabalho que, na sua juventude, se vira obrigado a fazer na propriedade de seu pai em Túsculo, na Sabina (*or. frg.* 128 Malcovati) – não muito longe da casa onde Mânio Cúrio Dentato, a encarnação da frugalidade, havia passado os últimos dias –; com refeições em comum com os escravos que nos trazem à memória as do Laertes das palavras do porqueiro; e com o pressuposto de que se não devia comprar o que se usava mas apenas aquilo de que se necessitava, conjugava Catão uma tal importância dada ao lucro que, na qualidade de censor, promulgou leis contra quem negligenciava a agricultura, e, como proprietário, tratava os escravos mais velhos como se de velhas máquinas não passassem, e, por esse motivo, era por von Albrecht considerado «one of the fathers of Roman ‘capitalism’». ²⁷

Com a expansão romana em território italiano, cresceu, à custa do confisco de um terço do espaço conquistado, o *ager publicus*, que, em parte, foi, mediante as *assignationes uiritanae* e as *assignationes coloniae*, respetivamente redistribuído por particulares e por colónias que se fundaram; e, na parte não redistribuída (*ager occupatorius*), foi por ricos cultivado em *possessiones* que podiam, a qualquer momento, ser reivindicadas pelo estado e estavam sujeitas a imposto, e cuja área foi pela *lex Licinia*, de 367 a.C., limitada a um máximo 500 *iugera* (140 hectares) por pai de família e 250 *iugera* (70 hectares) por filho. Como os censores arrendassem grandes propriedades a pessoas ricas, iniciou Tibério Semprônio Graco, em 133, uma reforma agrária, que, uma vez identificado o excedente de terras de cada proprietário, consistiu

²⁷ von Albrecht 1997 395.

numa redistribuição mais equitativa de propriedade mais pequena, que, por sua vez, retomada por Gaio Semprônio Graco em 123, acabou com a morte deste político em 122. Por reforma agrária de 111, procedeu-se à privatização das pequenas propriedades concessionadas pelos Gracos, e, de acordo com Sampaio, «as guerras e confiscos de Sula (falecido em 77 a.C.) completaram o desaparecimento da pequena agricultura italiana, dando-lhe o golpe definitivo, preparado desde largos tempos.»²⁸

Embora defendesse Augusto, por oposição a António e Cleópatra, o regresso aos valores tradicionais e ao trabalho no minifúndio, e, ao cabo, fosse este o tipo de propriedade pressuposta nas *Georgica* e nas *Eclogae* de Virgílio, a verdade é que, quando procedera à redistribuição das terras pelos veteranos da guerra de Perugia (onde vencera os cesaricidas Bruto e Cássio), não consta que tivesse o futuro imperador procedido a um redimensionamento da propriedade e a tivesse dado a quem efetivamente a trabalhava. Além disso, quando alude, em *S.* 2.7.117-118, *Ep.* 1.14.1-3 e em *Carm.* 3.16.30, ao seu *agellus*, está a instância de enunciação horaciana a falar de uma propriedade com habitação, jardins, um pequeno bosque, uma secção cultivada por oito *operae* dirigidos pelo *uillicus* ‘caseiro’ do próprio poeta, e outra arrendada a cinco famílias, num total de cerca de 200 *iugera* (50 hectares). Era, portanto, uma área bem diferente dos cinco hectares iniciais. E, em *Nat.* 18.35, afirma Plínio: *latifundia perdidere Italiam*.

3. Comércio, política e utopia

Ao descrever a natureza isenta da ação humana (com terra, mar, céu, sol, lua e constelações), uma cidade em paz (com casamento e litúgio) e outra em guerra (com conselho de guerra e emboscada), as quatro estações agrícolas (com os momentos de lavar, de ceifar, de vindimar e de alqueivar), a dança em círculo e o mar oceano – passa a *ekphrasis* do escudo de Aquiles faz em *Il.* 18.478-608, da natureza à cultura, desta a uma produtividade que reflete a ação da segunda sobre a primeira, e regressa, por meio da cultura, à natureza.²⁹

²⁸ Sampaio s.d. 58.

²⁹ Redfield 1975 188.

Depois de manifestar perplexidade perante o contraste entre as cenas de paz presentes no escudo e o «overwhelming and self-destructive desire for private revenge» de Aquiles;³⁰ de demonstrar que a composição em anel se reflete na estrutura circular da *Ilias* em geral e, em particular, do canto 18 e do escudo;³¹ de notar que, como o mobiliário de Nestor ou o escudo de Agamémnon no canto 11, apresenta o de Aquiles componentes arcaizantes – neste caso a evocação da lendária Cnossos –, sustenta Stanley que o paradigma de valores convencionais representado no escudo mais afinidades tem com o mundo de Agamémnon e de Heitor do que propriamente com o de Aquiles, e, com base na evidente imparcialidade que preside ao tratamento das figuras míticas de ambos os campos e, entre outros argumentos, na oscilação entre a proximidade e o distanciamento relativamente aos Gregos (cf. 1, 9 e 23), na análise do passado à luz de uma “cultura da culpa” em *Il.* 9 e 23, e na compaixão, respeito e compromisso de Zeus com os valores humanos e na valorização da amizade por parte de Aquiles, conclui Stanley que, partindo do elogio, do tribal e do hábito, chegou Homero à análise, ao internacional, ao moral, em trabalho que já não é de poeta, mas de exegeta, e em texto que comenta os acasos, frustrações e recompensas, intimamente associados ao objetivo e ao accidental.³²

³⁰ Stanley 1993 3.

³¹ Cf., a título de exemplo, afinidades entre cantos 7 e 18; e entre o ataque de Aquiles a Agamémnon, em 1.343, e o contraste entre Heitor e Polidamante, de quem, em 18.250, se diz que conhece o passado e o futuro; lamentos de Aquiles e promessa de Tétis de uma nova armadura em 35ss., e descrição da nova armadura em 369ss.; jantar de Heitor no campo de batalha em 18.290ss., e touro e cereais preparados pelos arautos e pelas mulheres em 18.558ss.; a cidade cercada pelos dois exércitos, a emboscada e o assassinio dos dois pastores da manada que chega junto do rio (18.509ss.) e as cenas de pastoreio de 18.573ss., onde dois leões matam um touro e onde se representa uma pastagem num verde vale, com ovelhas, redis, casebres e currais; a descrição, em 18.561ss., da vinha e da atividade que nela levam a cabo os vindimadores, e um dos pontos do quadro em que os lavradores aram, com as juntas de bois, os campos, e, quando chegam à meta, recebem de um homem uma taça de vinho (18.541ss.); e 18.550ss., onde se representa uma propriedade régia, com jornaleiros a segar e, no meio deles, o rei, e 18.558ss., onde os arautos preparam um touro que havia sido sacrificado e as mulheres polvilham de cevada branca o jantar dos jornaleiros (Stanley 1993 5-6 e 10ss. ≠ 189-90).

³² Stanley 1993 293-6.

Do exposto facilmente se depreende a importância da agricultura enquanto critério de avaliação de um mundo que aparece encarado com distanciamento moral e crítico, e enquanto paradigma de paz e prosperidade que a guerra acaba por destruir. De igual sorte, apesar das já referidas semelhanças entre a vida dos Ciclopes e a dos homens-deuses da idade do ouro hesiódica, há, além das diferenças notadas, outra que agora importa referir e que tem precisamente que ver com o contraste entre a vida penosa dos primeiros e a tranquilidade, o contentamento e a alegria com que os segundos partilham os trabalhos (οἱ δ' ἔθελημοὶ / ἦσυχοι ἔργ' ἐνέμοντο σὺν ἐσθλοῖσιν πολέεσσιν. *Op.* 118-19). São precisamente o ἔργον e a moderação no consumo de vinho dois dos principais aspetos em que, de Polifemo e dos pretendentes homéricos à mão de Penélope e ao trono de Ulisses, se distinguem não só os Feaces, mas também o porqueiro Eumeu.³³

Convém, no entanto, não esquecer que, no tocante ao motivo em apreço, não chega sequer a aproximar-se, da importância concedida ao pomar e à vinha de Alcínoo, a dada ao espaço zelado por Eumeu: enquanto, no primeiro caso, se centra o narrador numa variedade de generosas árvores de fruto que faz lembrar a da idade do ouro, e se limita a sugerir muito vagamente uma intervenção humana nesse *locus amoenus* (ἐτέρως δ' ἄρα τε τρυγώωσιν, / ἄλλας δὲ τραπέουσι· «na outra, <homens> apanham uvas. / Outras uvas são pisadas» 7.124-5), já, no segundo, é Eumeu – «condutor de homens» (14.22, 121) e estrangeiro (14.53, 57, 375) proveniente da Síria (15.403), adquirido por Laertes, criado, com a irmã mais nova de Ulisses, pela esposa de Laertes, que, depois de lhe ter dado roupa e calçado, e em sinal da estima que por ele nutria, o mandara para o campo (15.368-371) – quem, ao esperar de Ulisses, como recompensa pelo seu esforço e proveitoso trabalho, uma propriedade (uma casa, um terreno e uma mulher muito cortejada) (14.61ss.); ao optar por viver «à parte... com os porcos» (14.372) e inclusivamente dormir com eles (14.525ss.), acaba por se sobrepor ao espaço e alcançar um estatuto de reserva moral, referencial de estabilidade e de esperança no reequilíbrio de um paradigma abalado, e de conselheiro de que Penélope dispõe quando

³³ Heitland 1921 19.

chega alguma notícia (14.372-374).³⁴ Situação relativamente afim à de Eumeu será a da Electra da peça homónima euripidiana, com quem não havia o marido, um agricultor, consumado o casamento, por se não considerar digno da *eugeneia* da filha de Agamémnon e de Clitemnestra. A vida com um agricultor e a necessidade de fazer trabalhos domésticos aos quais parecia não estar destinada, além de suscitarem no primeiro, na segunda parte do prólogo, um certo pesar, ainda acentuam o sentimento de exclusão, por parte de Electra, do *oikos* familiar, e nela exasperam o desejo de vingança relativamente à mãe e a Egisto. Em todo o caso, não se verifica na Electra a valorização do trabalho, e o desejo de vingança do porqueiro não é tão obsessivo quanto o da filha de Agamémnon. Da importância do *ergon* testemunhará a instância de enunciação hesiódica, ao afirmar (*Op.* 311): ἔργον δ' οὐδὲν ὄνειδος, ἀεργίη δέ τ' ὄνειδος. «Trabalho não é vergonha, é o ócio que traz a vergonha.» No panegírico do *Oeconomicus* à agricultura, sustenta Xenofonte que é a mais honrosa atividade para o homem, porquanto dá vigor (5.4); o campo é fonte de saúde física e moral (5.1); e um passeio que nele se faça tem muitas vantagens relativamente ao exercício que nos ginásios se pratica (11.15).

Em contraste com os homens-deuses da idade do ouro e com os Ciclopes, são os Feaces dos mais versados na arte da construção naval e da navegação (*Od.* 7.108s.), mas, em consequência da perseguição movida por Posídon a Ulisses, acaba o barco em que os Feaces transportam o último para Ítaca por ficar petrificado (*Od.* 13.125ss.).

³⁴ Muito se tem especulado sobre a condição social de Eumeu: observa, com efeito, Heitland 1921 21 que nada no texto sugere qualquer esperança de libertação por parte do porqueiro ou garantia de liberdade dada ou a dar pelos senhores, e que em vão se procurará na *Odyssea* qualquer indício de manumissão de Eumeu; com perspicácia nota Bouvier 2008 11-12 e 15-16 o contraste entre o registo do próprio Eumeu, que põe a tónica na amizade e fraternidade por Ulisses e no facto de, com a irmã mais nova do Laértida, ter sido criado pela esposa de Laertes, e o do próprio Ulisses, que o trata como se de um irmão de Telémaco se tratasse, e o do próprio Telémaco, para o qual o porqueiro não parece passar de um competidor ou um pretendente; e N'Doye 1988 27 sustenta o carácter fictício da relação de parentela entre um senhor e um escravo que tacitamente se submete ao primeiro, não pode ter bens ou contrair matrimónio, e só mediante fuga e regresso à pátria alcançaria plena liberdade. Para o nosso propósito, importa notar que o esforço do porqueiro é confessado pelo próprio e reconhecido por Ulisses (cf. 14.526ss.) e Penélope.

Além disso, não deixa a instância de enunciação hesiódica de confessar limitações no tocante a conhecimentos de navegação e de barcos, tanto mais que uma só vez viajara por mar, e fora de Cálcide, na Áulide, para Eubeia, a fim de participar em jogos em honra de Anfidamante, nos quais, com um hino, conquistara uma trípole de asas que dedicara às Musas helicónias (*Op.* 650ss.). Convém, por fim, não esquecer que uma das causas apontadas, em *Persae* de Ésquilo, para a derrota de Xerxes é insolência para com os deuses que o supremo chefe persa manifestara ao atravessar o Helesponto.

É, por conseguinte, em contraste com a dimensão formativa e a segurança da agricultura que, nos *Opera et dies*, sugere a instância de enunciação a Perses o comércio marítimo como alternativa que, sem a dimensão educativa da primeira atividade e muito mais perigosa, sempre poderá poupar o irmão da instância enunciativa à fome e a outras humilhações.

Em *Lg.* 704D-705B, sustenta o Estrangeiro ateniense que, para uma cidade situada no litoral e com um bom porto escapar à luxúria e a depravados costumes, necessitaria de um poderoso salvador e de divinos legisladores, pois os mercados cheios de mercadorias estrangeiras inspiram nas almas humanas modos desonestos e comportamentos dolosos, tornam a cidade infiel a si própria e ao resto do mundo, e minam a sua capacidade produtiva. E em 743D-E, rejeita o estrangeiro – em prol da agricultura e das colheitas que não distraem o homem da importância da alma e do corpo – o recurso ao comércio, à usura e à engorda de capadas bestas para se enriquecer um estado.

Na introdução ao *De agri cultura*, haverá Catão, o Antigo, de reconhecer que, apesar dos perigos, há quem prefira buscar fortuna por meio do comércio, e que, apesar da desonra, preferem outros a usura para perseguir a riqueza material, mas, de olhos postos no rendimento mais justo, seguro e menos sujeito a invejas, não deixa de notar a importância do trabalho agrícola na formação de homens fortes e de corajosos soldados.

Intimamente relacionada com os preconceitos religiosos e morais associados a cada atividade andava o contraste entre, de um lado, rudeza, desconfiança, acanhamento, agressão e complexo de inferioridade de aldeões, vida dura e difícil do campo³⁵ – mas fisicamente saudável e

³⁵ Aristófanês, *Eq.* 41, *Nu.* 49ss., 492, 628s., *Pl.* 219ss. e 253s., *Lys.* 1173; Menandro, *Dys.* 28, 108ss., 129ss., 208s., 336s., 432, 505ss., 603-6, 754.

repleta de simples prazeres³⁶ –, e, do outro, sofisticação e vícios da cidade, como o ócio e a luxúria,³⁷ e a sobranceira dos cidadãos relativamente aos camponeses e o temor relativamente à vida no campo.³⁸ Quando os dois mundos se encontram, a síntese só pode ser uma completa inversão dos estereótipos: apaixonado pela filha de Cnémon, um misantropo camponês que insulta os cidadãos (364ss.), vê-se o Sóstrato do *Dyskolos* de Menandro, um jovem da cidade, obrigado a participar nos trabalhos agrícolas para demonstrar a maturidade e sinceridade do seu amor (523ss., 765s. e 788ss.); a timidez e o acanhamento de Górgias, um camponês, perante Sóstrato e os desconhecidos participantes no banquete (258, 271ss., 871) e do escravo Davo diante do encontro de Sóstrato com a filha de Cnémon (212s.), encontram paralelo nos do jovem cidadão perante Cnémon, um misantropo de aspeto feroz (145); e se o desprezo que sente da parte de alguns ricos é alvo de condenação por parte de Górgias (271ss., 284-7), não dá Sóstrato, com o posterior apoio do pai, qualquer importância ao dinheiro (797-802, 806ss.).³⁹

Mas onde as consequências do referido encontro haviam sido levadas ao paroxismo havia sido em uma comédia aristofânica intitulada *Pax*, apresentada em 421, pouco tempo antes da paz de Nícias. Confrontado com uma guerra do Peloponeso que aos agricultores não dava tréguas, decidiu Trigeu, um vinhateiro, em clara paródia do Belerofonte euripídiano que para o Olimpo viajara de Pégaso, subir, montado num escaravelho, às moradas celestes para libertar a Paz que pela Guerra havia sido encerrada numa gruta. Para o conseguir, teve de se desembaraçar de Lâmaco, que, enquanto representante de todos os Argivos e Beócios que lucravam com a guerra, se não mostrava assaz entusiasmado com a empreitada. A libertação da Paz e o regresso da alegria às cidades gregas foi a desgraça do Mercador de armas e uma bênção para o de foices. Mas o que, em ligação à idade urânica e à do ouro, convém notar é a tentativa de restabelecimento da ligação entre Terra e Céu – desta feita, por intermédio de um escaravelho –, e a substituição da ação divina e da política pela de um agricultor que,

³⁶ Aristófanes, *Ach.* 665-675, e *Pax* 1127ss.

³⁷ Aristófanes, *Eq.* 41, *Nu.* 492, 628s., *Ach.* 836s. e 978ss.; Menandro, *Dys.* 257, 365, 384 ss.

³⁸ Aristófanes, *Ra.* 840, Menandro, *Dys.* 430ss., 460ss., 475-80.

³⁹ Sousa e Silva 1989 47-9.

enquanto agente do regresso de um pedaço do paraíso à terra, se torna um verdadeiro deus e político.

Depois de anunciar, em *Ecl.* 4, o recomeço de uma grande série de séculos e o regresso dos reinos de Saturno, solicita o sujeito poético virgiliano a Lucina que favoreça o nascimento do menino, *quo ferrea primum / desinet ac toto surget gens aurea mundo* (9-10: «sob o qual primeiramente desaparecerá a raça de ferro / e surgirá no mundo inteiro a raça de ouro»)⁴⁰ Como em Hesíodo, é, segundo o sujeito poético virgiliano, *nullo...culto* (18: «sem cultivado»), e, de acordo com o ovidiano, per se (*Met.* 1.102: «espontaneamente»), que a terra produz todo o tipo de flores. De igual sorte, depois de Cloto ter cortado o fio da vida inútil de Cláudio, começa Láquesis a desenrolar um fio que, nos seus dedos brilha e se transforma em ouro, em claro sinal de um novo século de felicidade inaugurado por Nero já antes comparado a Apolo (*Apoc.* 4.1.6ss.). Mas para o Ganimedes do *Satyricon* de Petrónio (44), um *laudator temporis acti*, longe iam os tempos em que os políticos defendiam os interesses do povo: na época em que se dirigia aos demais libertos e aos intelectuais, andavam os preços do trigo pela hora da morte.

De regresso a Homero e Hesíodo, se, no caso dos Feaces, que não viviam na idade do ouro, são as brincadeiras de Nausícaa com as servas, quando vão lavar a roupa, e os já referidos jardins de Alcínoo que evocam a áurea geração, já Aqueus e Troianos, de acordo com a instância de enunciação hesiódica, é só *post mortem* e como recompensa pelos trabalhos terrenos, que alcançam as Ilhas dos Bem-Aventurados, onde, três vezes ao ano, produz o solo frutos doces como o mel (*Op.* 170ss.).

Além de, por intermédio de Pandora, ter Zeus proporcionado aos homens *κῆδεα λυγρὰ*, «penosas fadigas» (*Op.* 95), o que com a deposição de Cronos se verificou, foi a cristalização dos deuses na idade que tinham, a união destes apenas com mortais, e a recaída, exclusivamente sobre ombros humanos e dos demais seres vivos, do peso do tempo, com tudo o que de negativo e positivo lhe anda associado: a velhice, a morte, a especulação e a nostalgia, mas também a razão, a cultura e a utopia.

⁴⁰ Edição e tradução de Mendes 1997 226-7.

Bibliografia

- Most, Glenn W. (2007). *Hesiod. The Shield; Catalogue of Women; Other Fragments*. Cambridge (Mass.) – London: Harvard Univ. Press.
- Nelson, Stephanie (1998). *God and Land. The Metaphysics of farming in Hesiod and Vergil*, with a translation of Hesiod's Works and Days by David Greene. New York – Oxford: Oxford University Press.
- Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das ciências de Lisboa*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian.
- Albrecht, Michael von (1997). *A history of Roman literature: from Livius to Boethius, with special regard to its influence on world literature*. Leiden – New York – Köln: Brill.
- Allen, Thomas W. (1917). *Homeri Opera*, 2ª ed. Oxonii: e Typographeo Clarendoniano.
- Bouvier, David (2008), “Formes de “retours à la liberté” et statut de l’ “affranchi” dans la poésie homérique”, Gonzales 2008 9-16.
- Bury, R. G. (1926). *Plato*. Cambridge, Mass. – London: Harvard.
- Chevalier, Jean, et Alain Gheerbrant (1982). *Dicionário dos símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (trad. de Cristina Rodrigues e Artur Guerra). Lisboa: Teorema.
- Clay, Jenny Strauss (2003). *Hesiod's Cosmos*. Cambridge, University Press.
- Eliade, Mircea (2000). *Mitos, sonhos e mistérios* (trad. de Samuel Soares a partir de *Mythes, rêves et mystères*, Gallimard 1957). Lisboa: ed. 70.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2ª ed., revista e aumentada. Nova Fronteira.
- Ferreira, José Ribeiro (2005). *Hesíodo. Teogonia. Trabalhos e Dias*. Lisboa: INCM.
- Gonzales, Antonio ed. (2008). *La fin du statut servile? (affranchissement, libération, abolition...)*. 30^e colloque du Groupe International de Recherches sur l'Esclavage dans l'Antiquité (GIREA) – Besançon – 15-16-17 décembre 2005. Hommage à Jacques Annequin. Besançon – Paris, Presses universitaires de Franche-Comté.
- Heitland, William Emerton (1921). *Agricola. A Study of Agriculture and Rustic Life in the Greco-Roman World from the Point of View of Labour*. Cambridge, University Press.

- Leão, Delfim Ferreira (2001). *Sólon. Ética e Política*. Lisboa: Gulbenkian.
- Lourenço, Frederico (2005). *Homero. Odisseia*, 6ª ed. Lisboa: Cotovia.
— (2005). *Homero. Ilíada*, 2ª ed. Lisboa: Cotovia.
- Machado, José Pedro (1981). *Grande dicionário da língua portuguesa*, Lisboa, Amigos do livro.
- Malcovati, Enrica (1976). *Oratorum Romanorum fragmenta liberae rei publicae*, 4th edn. Turin
- Mendes, João Pedro (1997). *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Almedina.
- N'DoyeMalik (2008). “L’affranchissement dans les poèmes homériques: de la parenté illusoire à l’adoption”, Gonzales 2008 17-27.
- Pereira, Maria Helena da Rocha (1988). *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I, *Cultura Grega*. Lisboa. Gulbenkian.
- Redfield, James M. (1975). *Nature and Culture in the Iliad: the Tragedy of Hector*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- Ribeiro, Aquilino (2007). *A Casa Grande de Romarigães*, com ilustrações de João Abel Manta. Lisboa: Bertrand.
- Sampaio, Alberto (s.d.). *Estudos históricos e económicos*, vol. I. *As vilas do norte de Portugal*. Lisboa: Veja.
- Silva, Maria de Fátima Sousa e (1989). *Menandro. O discípulo*. Coimbra: INIC – CECHUC.
- Sørensen, Villy (1988). *Seneca* (trad. di Bruno Berni a partir de *Seneca, humanisten ved Neros hof*, Copenhagen, Gyldendal, 1976). Roma: Salerno.
- Stanley, Keith (1993). *The Shield of Homer. Narrative Structure in the Iliad*. Princeton, New Jersey: University Press.
- Vieira, Leonardo Medeiros (2006). *Ruptura e continuidade em Apolônio de Rodes: os símiles nas Argonáuticas I*. Diss. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- West, M. L. (1966). *Hesiod. Theogony*. Oxford: at the Clarendon Press.